

EM BUSCA DO GÊNERO PERDIDO: IMPASSES POR UMA BIOGRAFIA DE HELENA KOLODY

Luísa Cristina dos Santos FONTES¹

RESUMO: Reflexão sobre o gênero biografia, usando como suporte a vida da escritora Helena Kolody, a partir de sua inscrição na literatura, questionando sua identidade, o mundo que a cercava e o sentido de sua existência. Equivale a dizer: em sua lírica, reflexões e sentimentos se entrecruzam a partir de uma matéria pessoal e localizada. Da estação ferroviária à estação tubo; da Ucrânia ao centro de Curitiba; de *Paisagem interior* a *Reika*; do século XIX ao século XXI, a literatura de Helena Kolody gerencia sua presença na consolidação do binômio arte-vida. O retrato da autora acaba se constituindo também por meio de farto aparato iconográfico; fragmentação deliberadamente assumida, a pessoa se revela em sua inteireza.

Palavras-chave: Gênero; Biografia; Memória; Identidade; Helena Kolody.

ABSTRACT: It tells the life of Helena Kolody, from her very insertion in literature, as it questions her identity, the world surrounding her, and the meaning of her existence. That is equivalent to saying that in her poetry there is the intermingling of reflections and feelings that derive from personal and localized material. From the railroad station to the tube-shaped bus stops; from Ukraine to downtown Curitiba; from *Paisagem interior* to *Reika*; from the nineteenth century to the twenty-first century, Helena Kolody's literature guarantees her presence in the consolidation of the art/life binomial. The portrait of the author ends up by also being made up of an abundant iconographic apparatus, of the over five hundred critical texts listed, and of her complete work. The person, although deliberately accepting her own fragmentation, reveals herself in her entirety.

Key words: Genre; Biography; Memory; Identity; Helena Kolody.

Escavando e recordando: A língua tem indicado inequivocadamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxadada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente.

Walter Benjamin²

Mais que híbrido de história e crítica, mais que gênero – mas que gênero! – é preciso um formato, uma ilha a conformar o dito e o não-dito. As biografias avaliadas foram muitas... O formato por que optei, insularidade necessária, guarda traços destes livros – *composite* de procedimento. A eterna busca pelos limites...

A metáfora mais usada para historiadores e biógrafos que buscam recriar a trajetória de uma personalidade ou um instante específico da história é a do garimpo. Mas no caso de Helena Kolody, o garimpeiro mais persistente corre o risco de desanimar.

Poucos anos depois de sua morte, os filões mais promissores já foram vasculhados, revistos, expostos por seus pesquisadores e admiradores. Mesmo assim, a vida longa dessa ilustre cruz-machadense (1912-2004) continua cheia de dispersões e lacunas instigadoras. Por isso, percorrer a trajetória de Helena – para usar outra imagem batida – tem sido como montar um *puzzle*. Ou melhor, construir um mosaico, já que muitas peças originais se perderam. Pelas vias imprevisíveis da elipse, foi preciso, por vezes, materializar o vazio, o silêncio, entrevistados no detalhe. Lucia Castello Branco já assinalara o fato: “Talvez a maneira menos agressiva de abordar a questão das relações entre o feminino e a escrita seja também a maneira mais radical: aquela que envereda pelo impossível do discurso, pelos silêncios do inominável...”³. Com a poeticidade que lhe é peculiar, Helena Kolody sumariza:

Significado

No poema
e nas nuvens,
cada qual descobre
o que deseja ver.⁴

² BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In: _____. Rua de mão única. *Obras escolhidas*, v. II. 5. ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 239-240.

³ BRANCO, Lucia Castello. Notas sobre uma memória feminina. In: _____. ; BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004. p. 145

⁴ KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Curitiba: Criar, 1988. p. 30.

Não é sempre que uma fada madrinha vira padroeira e de padroeira vai à categoria de musa absoluta. Quase uma unanimidade... é, quase... muito embora já santa e padroeira da poesia, devidamente entronizada por Paulo Leminski. Reverberam nos mais de 500 textos sobre Helena Kolody, localizados e elencados, o aval de Alice Ruiz, Andrade Muricy, Arnaldo Antunes, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Euclides Bandeira, Italo Moriconi, Miguel Sanches Neto, Nelly Novaes Coelho, Olga Savary, Paulo Leminski, Paulo Venturelli, Roberto Gomes, Rodrigo Júnior, Sérgio Rubens Sossélla, Sylvio Back, Tasso da Silveira, Temístocles Linhares, Valêncio Xavier, Wilson Bueno, Wilson Martins, entre muitos outros, ao longo do século XX e transbordando-o. Todos seus contemporâneos, de Euclides Bandeira, nascido em 1877, a Miguel Sanches Neto, nascido em 1965. Beira a milagre! Independentemente de gênero, circulou, aliás, circula, com desenvoltura, entre todas as turmas literárias: os românticos, os simbolistas, os haicaístas, os parnasianos, os modernistas, os espiritualistas, os vanguardistas, os pós-modernos... É... quase uma unanimidade... No entanto, surpreendentemente, não obstante a riqueza de sua fortuna crítica, sua obra, ainda hoje, é pouquíssimo conhecida além das fronteiras de seu estado natal.

Helena Kolody é toda uma surpresa: uma existência para lá de recatada, sem vaidades ou mundanidades, num diapasão de sacerdócio (como afirma veementemente o cineasta Sylvio Back⁵). E daí brota uma poesia exuberante, elevada à quintessência da invenção e do confessional. Autora de uma obra de indiscutível originalidade e permanência. A força lírica de sua palavra contida, enxuta, despoja-se ainda mais para fluir como se fora uma epifania, em torno dela, seu memorial atávico, sua religiosidade quase ímpia, seu estar aí na própria arquitetura do poema. Palavra-imagem, não apenas do que vemos, mas também daquilo que nos olha e assombra. Quase centenária, teve a oportunidade, rara entre escritores, de presenciar as inúmeras, e das mais variadas e justas, homenagens que lhe foram prestadas, principalmente em seus últimos anos de vida. Vida literária.

Considerando que a literatura é o campo propício para se observar, entre outras coisas, a construção de subjetividades⁶ a partir da tensão que se estabelece entre lugares sociais e familiares, histórias individuais e modos narrativos, a identidade da mulher que emerge em todos estes textos (como objeto que se apresenta e como sujeito que se escreve) constitui-se pela interseção e tensão entre estes elementos. “Afinal, eu vivi, ou sonhei que vivi?”⁷

Em cada um dos textos, em cada um dos objetos, os pontos de conexão se dão através de distintos esquemas narrativos e propõem diversos modos para a construção de uma identidade de mulher escritora, que se relacionam com o conjunto de significados sociais, históricos e discursivos com que podem ser pensados em cada caso. O que lhe faculta valor de eternidade, remetendo a Benjamin.

Antes de mais nada, foi preciso separar as informações confiáveis das falsas, das fantasiosas e/ou das distorcidas⁸. Eis o primeiro critério para delimitar as informações que foram consideradas. Depois, selecionar dados, imagens e relatos que permitissem

⁵ In: *O Estado do Paraná*, 11 out. 1992. Almanaque. p. 1.

⁶ Foucault e Maingueneau são referenciais no assunto. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996. MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Trad. Marina Apperzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

⁷ “Efêmera”, in: *Viagem no espelho*, Curitiba: Criar, 1988, p. 156.

⁸ Para tanto, optamos pelo cotejo de entrevistas dadas pela autora e informações advindas de críticos renomados e/ou reconhecidamente cientes de seu universo. Entre as informações descabidas: Helena Kolody teria sido uma industrial, teria casado, teria dado aula em um colégio onde nunca entrou, teria... teria... os textos portadores deste tipo de informação, absolutamente equivocada, não integram o escopo desta pesquisa.

conhecer um pouco mais o tempo em que ela viveu e os cenários por onde transitou, no entanto, sem as amarras discursivas (como se isso fosse possível) que suas próprias circunstâncias biográfico-geracionais lhe emprestaram, corroborando Flora Süssekind⁹. As influências e as orientações, a linguagem, o método de criar, seus afetos, o viver e a morte são alguns dos assuntos que vêm à tona no esforço feito para se captar a dimensão *edelweiss*¹⁰ da autora, de modo a que deixassem de parecer fugidios. E Helena, muito provavelmente percebendo que sua biografia um dia se concretizaria, deixou incontáveis recortes de sua história registrados nas inúmeras entrevistas que, sempre com muito entusiasmo e generosidade, concedeu. Colecionou incontáveis cartas, agendas, rascunhos, recortes de jornais e revistas... Há neles lembranças e memórias sobre práticas culturais, sociais, religiosas, escolares, familiares, pessoais e íntimas.

Mas antes, a bem da verdade, é preciso incluir neste mapa: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Aliás, garimpeira de histórias, no dizer de Benjamin, colecionadora. A única irmã viva de Helena Kolody tem cedido, generosamente, o acesso à sua coleção de livros, documentos, imagens e lembranças da escritora, hoje, sob sua ferrenha guarda. Achados nada fortuitos. Precioso relicário de sentimentos e fantasias. Conforme assinala Maria Thereza Bernardes¹¹, na consciência dos pesquisadores de hoje, na interpretação (re-visão) do passado, nada é tão importante quando se proferem juízos sobre situações vividas por outros do que ouvi-los e compreendê-los através de resgate de suas vozes (imagens e objetos também falam) fixadas em múltiplos documentos. Na dispersão, as amostras se multiplicam, se re-apresentam, negam, intensificam, aumentam, diminuem, caminham à deriva, procuram.

Não é absolutamente inesperado, portanto, a repercussão de seus versos pelos mais diferentes canais. Tal repertório de experimentos, não obstante o caráter laudatório, postulam sua dimensão e seu acronismo. Para ir além, nessa procura de um *plus* biográfico¹², sua imagem, seu perfil, físicos, “reais”, emergem com escopo de profunda coerência em dois filmes. *A Babel da Luz*, de Sylvio Back, e *Helena de Curitiba*, de Josina Melo, encantam pela grafia de vida de uma escritora que sabia de todos os seus ângulos, suas esquinas. Diante das câmeras – o que é possível observar também em fotografias –, soube criar para si – e projetá-la – uma personalidade forte e definida, cujos traços surgem abundantemente demonstrados nas páginas que compõem esta pesquisa.

Juntando fragmentos, reflexões e genuflexões que calaram em nosso espírito, propomos esta imagem/imagens da “Helena de Curitiba”¹³, tomando como eixo suas relações com a vida, as facetas da mulher e da escritora, para muito além e aquém dos seus 91 anos muito bem vividos. Sua pré e pós-história. Textos e ícones justapostos, colhidos na obra publicada e entre documentos de acervos públicos e particulares, constituem esta sua biografia em uma estrutura aberta, na qual se pode acompanhar

⁹ SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária* – polêmicas, diários & retratos. 2.ed. revista. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2004. p. 16.

¹⁰ Título de poema do livro *Música submersa* (1945) repetido em *Viagem no espelho* (1988). A *edelweiss*, original dos Alpes europeus, nasce em rochas, em geral a uma altitude de 1700-3400 metros acima do nível do mar. É considerada a verdadeira flor do amor, pois, conta-se, alguém arriscou a própria vida, escalando montanhas para colhê-la. É planta perene, tem a propriedade de se preservar por muitos e muitos anos.

¹¹ BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro – século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989. p. 175.

¹² “Em préstimo” a Tânia Regina Oliveira Ramos. “Talentos e formosuras: novas vozes, novos espaços”. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2010. p. 37.

¹³ Empresto o epíteto que nomina o documentário da cineasta Josina Melo, referenciado na sequência.

trajetos do indivíduo, da artista e da intelectual. Nádía Battella Gotlib, biógrafa de Clarice Lispector¹⁴, estabelece algumas diretrizes para o gênero:

O gênero da “Biografia” pressupõe um repertório de recursos que são usados objetivando a definição de um perfil, ou de um caráter, ou da personalidade do biografado, que aí aparece a partir de seu percurso de vida. Assim sendo, de que vale esta vida grafada, sem o seu estatuto de projeção de, ou de construção a partir de quem a viveu? Fatos e documentos significam enquanto tal, enquanto biográficos, como substâncias que incorporam um ser, traduzindo-lhe experiências, que nos chegam como se fossem verdades, atestadas que são pela condição de manifestações de vida de alguém, que conhecemos, de modo mais ou menos direto, alguém que sabemos, pelo menos, quem foi, através de traços: nome, nacionalidade, atividades, emoções, desejos, ansiedades, aflições...¹⁵

Apesar da modalidade “biografia” viver um bom momento em termos editoriais, seja em qual formato se apresentar (biografia propriamente dita, autobiografia, narrativa de si, história de vida, história de vida, perfil...), o gênero ainda foi muito pouco avaliado por pesquisadores. Ao refletir sobre o assunto em *Biografismo*¹⁶, Sergio Vilas Boas conclui que uma história da biografia ainda está para ser contada.

Para Vilas Boas, as vidas e as obras (do biógrafo e do biografado), em sentido amplo e ilimitado, estão imbricadas em uma mesma aventura – a aventura das interpretações possíveis e das compreensões necessárias. De maneira idêntica, vida e obra são indissociáveis. Nesse sentido, não há como escapar à condição de que somos sujeitos que lidam com outros sujeitos, portanto a compreensão envolve também afetos. Perpassando o biógrafo Alberto Dines, releva que o biógrafo não pode se fechar somente no seu personagem central: “acredito em multibiografias... biografias são, na verdade, multibiografias, compartilhadas, estendidas, plurais” (p. 23). Vale dizer: “o biógrafo do biógrafo do biógrafo encontra-se num jogo de espelhos que pode nos levar ao infinito”... (p.24)

Transgredir é essencial na arte biográfica. Mais do que gênero literário, a biografia é um desacato. Insubordinação contra a morte, fixação na vida, exercício de suscitação, ressuscitação dos finados e esquecidos. [...] O biografado recusa desaparecer e o biógrafo transpõe o ponto final [...].¹⁷

Irredutível à palavra, a rigor, o ensaio híbrido biográfico aponta o gênero para outras perspectivas em que o sujeito se transforma em objeto – a da História, da Sociologia, da Psicanálise, da Antropologia, entre outras. François Dosse, a propósito,

¹⁴ Coincidência na ascendência de Helena e Clarice: *Ukrayina*.

¹⁵ GOTLIB, Nádía B. Clarice Lispector biografada: questões de ordem teórica e prática. In SCHPUN, Mônica Raisal (org.). *Gênero sem fronteiras*: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1997. p. 15.

¹⁶ São Paulo: UNESP, 2008. p. 19.

¹⁷ In: BOAS, 2008, p. 23

em sua significativa cartografia sobre a história das biografias¹⁸, releva a perspectiva de que a biografia pode ser, sim, não obstante o paradoxo, um modo de familiarizar-se com a morte, de aceitá-la pondo-se no lugar daqueles que desapareceram. Dosse defende que a escrita biográfica deve ser reconsiderada pela História já que “oferece um acesso privilegiado para nos aproximarmos ao máximo da interioridade/exterioridade, do singular/geral, sendo portanto o que mais lembra o ideal impossível de globalidade.”¹⁹ Firmando uma acepção ampla ao gênero, Dosse acaba por discordar de Pierre Bourdieu nas questões em que ele, em suma, se posiciona contrário à prática do gênero por historiadores.

Convém ponderar: na tentativa de garantir uma interpretação, deve-se considerar que o artista não é uma entidade sagrada, muito menos que sua obra se constitui de forma isolada ou auto-suficiente. Conforme registra Bourdieu²⁰, o artista é um ser que, como qualquer outro profissional, se estabelece a partir das tensões do campo de poder, das apostas que ele faz, das experimentações, de avanços e recuos. A vida do escritor está à sombra de sua escrita, contudo a escrita é sua forma de vida. A vida não está na obra, nem a obra na vida, mas há um envolvimento recíproco, constitutivo. Ou seja, não existe gesto biográfico cujo significado seja independente das reivindicações estéticas que fundamentam uma obra. Reflexo? Para ser um tantinho mais exata, valho-me de uma imagem cara a Helena Kolody – o espelho –, como representação de reflexo, *re flectere*, reflexão. Vida-obra [re]flectida.

A cada giro de espelhos,
muda o vitral da vivência.
Não permanece a figura.
Nem um desenho regressa.²¹

Em *Crítica Cult*, Eneida Maria de Souza define o gênero como lócus de uma enunciação migrante, identidade híbrida: “A crítica biográfica, por sua natureza compósita, englobando a relação complexa entre obra e autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos”²². Ao escolher tanto a produção, digamos, ficcional quanto a documental do autor – correspondência, depoimentos, ensaios, crítica –, a crítica biográfica desloca o lugar exclusivo da literatura como *corpus* de análise. A proliferação de práticas discursivas consideradas extrínsecas à literatura, como a cultura de massa, as biografias propriamente ditas, os acontecimentos do cotidiano, além da imposição de leis regidas pelo mercado, representam uma das marcas da pós-modernidade, e possibilitam uma abertura textual que a crítica literária mais tradicional não considera.

Ante a possibilidade de se deixar seduzir pela relação naturalista e causal entre vida e obra, o deciframento arqueológico foucaultiano constitui a “condição de conhecimento” por preconizar o deslizamento dos discursos entre si e o lugar intermediário ocupado pela crítica biográfica. Eneida Souza avança: “A origem, fantasma e vazio da árvore genealógica, é entendida no seu estatuto de invenção e se

¹⁸ DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.

¹⁹ Idem, p. 344.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 15.

²¹ KOLODY, Helena. “Caleidoscópio”. In: *Viagem no espelho*, p. 77

²² “Notas sobre a crítica biográfica”. In: SOUZA, 2002, p. 111.

descarta de qualquer ilusão de princípio fundador ou de autenticidade factual. A invenção passa a ser tributária da força dos discursos e da retórica interpretativa”²³.

Entre as particularidades elencadas por Souza a respeito da crítica biográfica, destacamos a reconstituição de ambientes literários e da vida intelectual do escritor, sua linhagem e a sua inserção na poética e no pensamento cultural da época, isto é, referências à tradição literária. Ou seja, os fatos da experiência são encenados no texto literário como uma representação do vivido, os grandes temas (os pequenos também) universais são vislumbráveis nos interstícios entre arte e referente biográfico.

Como bem lembra Rita T. Schmidt, em reflexão a respeito dos rumos do GT A Mulher na Literatura (ANPOLL) após seus 25 anos de criação, “as fronteiras encenadas nas teorias feministas, de modo geral, estão caracterizadas pela transgressão das divisões disciplinares, experimento metodológico de investigação e de compreensão de nossos objetos”²⁴. Rememorada esta orientação que investe em des-velamentos subjetivos, a título de justificativa, assevero: assumi a opção pelo desconforto da não-unanimidade teórica, da não-inamovibilidade, ao caráter finito da leitura estereotipada. Plurivocalismo, mesmo com vozes a descoberto. *Establishment* crítico deslocado, opto pelo convite à re-flecção, a in(não)certeza, à busca. Ao entre-lugar. A todos os “trans”²⁵. Ao aleatório. Dirijo o acirrado debate que a escolha possa provocar à dicção múltipla, no entanto coerente, de Helena Kolody.

Por fim, o valor da biografia se justifica principalmente pelo biografado²⁶. Carbono e diamante, conformações acordam um mesmo objeto, sem hierarquização deliberada, apenas regimentos diferentes que não necessariamente se confrontam. Pureza, resistência e riqueza. Acareamento, mesmo que no reflexo de um espelho. Resiliente, Helena nunca negou uma resposta, por maior ou doído que fosse o cunho pessoal; fazia tudo com serenidade, com altivez e com bom gosto. Para além de poética, a visceralidade da experiência de vida que seus textos e depoimentos expressam está empapada de uma profunda e específica experiência de mulher – leitora, estudante, professora e escritora. Cidadã. Neste amálgama em que cabem os dias e os trabalhos de Helena Kolody, repleto de significados, sobressai sempre seu fundo compromisso com a humanidade.

Afinal... Contar uma vida, a partir de sua inscrição na literatura, questionando sua identidade, o mundo que a cercava e o sentido de sua existência. A interpretação biográfica conformou um livro. O livro *Helena Kolody, carbono e diamante*: uma biografia ilustrada (originado pela tese homônima) será uma prazerosa homenagem ao universo de Helena, no tempo em que se comemora seu centenário. Em cada página, procuramos recuperar os temas e os valores que a cativavam e que ela defendia, sua delicadeza e sua grandeza, o espírito ímpar que faz de sua obra um tesouro literário. Vida em insondável devir. A biografia é mais que gesto de repetição, “ação de subir até a origem”, seu estatuto é o do conhecimento e do reconhecimento.

Referências

²³ Idem. p. 119.

²⁴ SCHMIDT, Rita Terezinha. “Revisitando a mulher na literatura: horizontes e desafios. In: STEVENS, Cristina (org.). *Mulher e Literatura – 25 anos*: Raízes e rumos. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. p. 257-270.

²⁵ Transculturalismo, transdisciplinariedade, translaticidade, transmigração, transitoriedade, trânsito...

²⁶ “Autor”. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8, 2008. *Anais...* Florianópolis: Ed. Mulheres, UFSC, 2008. 1 CD-ROM.

- BACK, Sylvio. *A Babel da Luz*. Direção: Sylvio Back. Curitiba: 1992. 1 fita de videocassete (10 min): son.; color.; 35 mm.
- _____. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 11 out. 1992. Almanaque. p. 1.
- BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In: _____. Rua de mão única. *Obras escolhidas*, v. II. 5. ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 239-240.
- BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro – século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.
- BOAS, Sérgio Vilas. *Biografismo*. São Paulo: UNESP, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRANCO, Lucia Castello. Notas sobre uma memória feminina. In: _____. ; BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004. p. 145-154.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.
- “Autor”. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8, 2008. *Anais...* Florianópolis: Ed. Mulheres, UFSC, 2008. 1 CD-ROM.
- “Autor”. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. Tese de Doutorado. 2012. Orientadora: Profa. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- GOTLIB, Nádia B. Clarice Lispector biografada: questões de ordem teórica e prática. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). *Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1997.
- KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Curitiba: Criar, 1988.
- MELO, Josina. *Helena de Curitiba*. Direção: Josina Melo. Edição: Fernando Severo e Josina Melo. Curitiba: Josina Melo Produções, mar. 2005. 32 min. VHS.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Trad. Marina Apperzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Talentos e formosuras: novas vozes, novos espaços. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2010.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. “Revisitando a mulher na literatura: horizontes e desafios. In: STEVENS, Cristina (org.). *Mulher e Literatura – 25 anos: Raízes e rumos*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. p. 257-270.
- SOUZA, Eneida Maria de. “Notas sobre a crítica biográfica”. In: _____. *Crítica Cult*. Belo Horizonte, Ed. UFMG. 2002. p. 111-120.
- SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. 2.ed. revista. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2004.

RECEBIDO EM: 13-08-2012
APROVADO EM: 01-11-2012